

Índice

Fatores escolares que mais afetam o rendimento dos alunos.....	1
Regressa Jordan Peterson, mais moderado	2
“El liberalismo herido”	3
“Tower”	4

Fatores escolares que mais afetam o rendimento dos alunos

Com o objetivo de conhecer quais são as intervenções educativas mais rentáveis, um relatório da OCDE relaciona e analisa os dados proporcionados por dois dos seus estudos mais conhecidos, um sobre as capacidades académicas dos estudantes adolescentes (PISA) e outro sobre as práticas docentes e condições laborais dos professores (TALIS). O resultado constitui uma espécie de “roteiro” para melhorar a política educativa.

O relatório, [“Positive, High-Achieving Students? What Schools and Teachers Can Do”](#), analisa um grande número de indicadores que se podem dividir, como indica o título, em dois grandes blocos: os que têm a ver com o professor (a sua docência e também o seu bem-estar laboral) e os que estão relacionados com a escola. O campo de estudo são todos os países membros da OCDE, embora o foco incida especialmente em oito deles. Em média, analisaram-se 135 escolas por país, 35 estudantes e 20 professores por escola.

O relatório parte da base de, ainda que nos últimos anos tenha aumentado de forma estável o financiamento por aluno, os resultados académicos mostrados no PISA estagnaram. Tendo em conta os possíveis cortes no investimento durante os próximos anos devido à crise económica, é mais necessário do que nunca detetar os fatores que de modo mais direto influem no rendimento educativo: tanto no estritamente académico, como no desenvolvimento sócio-emocional dos estudantes.

Quais são esses fatores? O estudo tem muito a preocupação de apresentar “balas de prata” educativas. O rendimento de um estudante depende de muitas variáveis, tão interligadas que não é simples desligar o impacto de cada uma em particular, e menos estabelecer uma causalidade clara.

De qualquer forma, tendo em conta o relatório, é possível assinalar alguns fatores positivos. Em relação ao professor, existe uma relação óbvia – e expectável – entre a percentagem de tempo que os docentes dedicam propriamente à instrução (em vez de a questões disciplinares ou administrativas) e o rendimento dos estudantes. Também se torna muito eficaz o tempo dedicado à correção de trabalhos e exames.

Mas corrigir é uma atividade que exige muito tempo, e pode chegar a sobrecarregar o professor. Neste sentido, o relatório mostra uma relação que à primeira vista pode parecer paradoxal. Por um lado, existe umnexo entre o maior bem-estar laboral manifestado pelo professor e as notas dos alunos. Por outro, estas são mais elevadas onde uma maior percentagem de docentes dizem estar “com *stress* devido à quantidade de trabalho”. Isto pode indicar, segundo os autores do estudo, que os professores mais envolvidos na educação dos seus alunos tendem a examiná-los ou atribuir tarefas com maior frequência, e dedicar mais tempo à preparação das aulas, aspetos que melhoram a qualidade da instrução. O benefício deste *stress*, de facto, é maior para os estudantes com baixo rendimento. Assim, teria um efeito positivo e igualizador, embora se deva procurar que o docente não venha a “queimar-se”.

Outro tempo bem investido é o que os estudantes passam junto dos seus professores em atividades extracurriculares. Onde ele é mais elevado, melhoram as notas e o clima de disciplina nas

aulas normais. Além disso, os alunos que participam, dizem aspirar a frequentar estudos superiores numa maior percentagem do que os que não o fazem.

O relatório também destaca alguns fatores que têm a ver com a escola no seu conjunto, e não com o trabalho dos docentes. O que mais influência demonstra nas notas é, de longe, o perfil socioeconómico dos alunos. Por um lado, cada estudante é afetado pela sua própria condição, mas os dados também constataam um "efeito de grupo": se na aula existe uma concentração de estudantes pobres ou com pouca cultura, baixam em média as notas e também as aspirações académicas, ainda que logicamente alguns estudantes sejam mais influenciados do que outros.

Todavia, isto não significa que estas escolas se encontrem de mãos atadas. Por exemplo, dado que a presença de alunos com boas notas, independentemente do seu estrato social, afeta positivamente o rendimento geral, as escolas deveriam distribuí-los pelas classes, em vez de concentrá-los em itinerários "para preparados". O clima corporativo de disciplina também ajuda, tal como a participação dos pais nas atividades da escola ou a avaliação frequente dos professores. Pelo contrário, outras características menos pessoais e mais "estruturais", como os gastos por aluno, a dimensão das classes ou a percentagem de docentes com títulos superiores, parecem ter um impacto mais reduzido.

Um capítulo interessante do relatório é o dedicado a analisar a influência dos diferentes fatores estudados no rendimento escolar dos e das adolescentes (o teste PISA é efetuado a estudantes de 15 anos). O cruzamento dos dados académicos – concretamente, o estudo é fixado no teste de leitura – com os referentes ao clima escolar e as práticas docentes mostra resultados reveladores.

Em geral, assinala os rapazes como alunos mais necessitados de proteção e de controlo do que as raparigas com essa idade. Por exemplo, os dados salientam que eles são mais sensíveis à influência do nível socioeconómico, tanto o seu próprio, como o do grupo. Também manifestam mais falta de disciplina na sala de aula. Isto está de acordo com algo patente em estudos anteriores: os alunos do sexo masculino sentem-se mais pressionados do que as suas companheiras para se enquadrar no estereótipo do mau estudante, despreocupado, apático e desafiador.

Pelo contrário, os rapazes dão-se bem com exames frequentes. Nas escolas onde acontece isto, a sua desvantagem em leitura diminui relativamente às raparigas. Da mesma forma, o maior envolvimento dos pais nas atividades escolares é especialmente positivo para os rapazes. Também beneficiam se os professores são avaliados pelo rendimento dos seus alunos, o que os obriga a ter um maior controlo sobre eles.

Por outro lado, tanto aos rapazes como às raparigas é uma ajuda contarem com professores do seu mesmo sexo, sobretudo nas cadeiras que não cabem nos estereótipos do masculino e do feminino. Igualmente, o relatório recorda alguns estu-

dos que mostram um melhor rendimento em matemática das raparigas que estudam em escolas *single sex*, do que das suas colegas de escolas mistas.

F. R.-B.

Regressa Jordan Peterson, mais moderado

É difícil abordar o livro "[Beyond Order. 12 More Rules for Life](#)" sem se estar dominado pela sensação de que constitui a confissão ou o testamento de um herói caído. [Jordan Peterson](#) conseguiu ressurgir das cinzas da depressão e da dependência dos calmantes com um pouco mais de humildade e com a determinação de se afastar desse estereótipo mediático que havia construído.

Antigo flagelo do que é politicamente correto ("Aceprensa", 28.2.2018), mal encontramos rasto nestes conselhos que recordem o super homem que combateu, com o mesmo ímpeto, a ideologia de género e a pusilanimidade pós-moderna. O "Anda erguido" que abria [o seu primeiro super vendas](#) ("Aceprensa", 12.11.2018), converteu-se agora em "Não denigras" a sociedade, do mesmo modo que um determinado grau de compaixão veio dissipar o que era a antiga imperturbabilidade de que fazia gala.

Isso não significa que se tenha tornado condescendente, ou que mostre conivência com a fraqueza, o que o afasta da maioria dos livros de autoajuda. Peterson não afirma que o homem pode realizar todos os seus sonhos ou que é chamado ao sucesso, nem dispensa receitas ridículas.

O seu estilo é outro. Ainda que não abandone o género da psicologia aplicada, avança com lições de humilde nobreza, apostando no esforço e na luta. Superou o seu primeiro cinismo e não engana. Possivelmente não teremos sucesso, diz-nos, mas isso não é o importante. Tão-pouco se fracassarmos. O que conta é que o tentemos.

No fundo do cenário encontra-se essa conceção mítica do mundo segundo a qual se desencadeia uma batalha cósmica entre ordem e caos. E todos nós, com as nossas minúsculas ações, podemos contribuir para que a balança se incline para o lado mais conveniente. Disto, e não de outra coisa, depende o sentido da vida.

Ao abrir o livro narrando a sua descida aos infernos e a sua incessante passagem pelos hospitais, ganha muito mais crédito aquilo que Peterson afirma. Chega-se até a sentir simpatia por ele, quando não se pode dizer que antes despertasse muita. Se o discurso anterior o arvorava em Golias, agora quem escreve

é um homem regenerado e humilde que, sabendo o quão árduo constitui dominar o caos, incita o leitor a cuidar modestamente da sua pequena horta, deixando as epopeias para indivíduos mais aguerridos.

Por outras palavras: a batalha cósmica entre bem e mal encentram-na diariamente com as nossas decisões. “Empenha-te naquilo que queiras ser”; “Não escondas aquilo que não desejes” ou “Esforça-te ao máximo” são alguns dos conselhos que Peterson avança para alinharmos com o partido do senso, procurando não retirar importância aos fracassos, mas exaltar a simples heroicidade de quem assume, com tudo o que isso implica, o protagonismo da sua vida.

As regras de Peterson dirigem-se, portanto, a pessoas de carne e osso que sabem quão limitados podem ser os seus esforços, mas que não renunciam às suas responsabilidades. Explica: “A vida ganha sentido de maneira diretamente proporcional ao grau de responsabilidade que estamos dispostos a assumir”.

De destacar as reflexões sobre o amor e o casamento que aponta ao abordar o conselho número 10: “Mantém viva a chama da tua relação”. Devemos agradecer-lhe o seu interesse por desmitificar o romantismo piegas. Neste sentido, pode ser que não exista nada mais prejudicial para a vida de casal do que a lamechice emocional, pois oculta os fatores que levam um casamento a progredir, ou seja, o esforço e a vontade.

Para Peterson, o casamento é uma promessa e tem um propósito; com isto claro, é possível superar os momentos difíceis. Acredita que a união de facto é irresponsável e propicia o fracasso amoroso, visto que nela o compromisso brilha pela ausência. Ora, se os cônjuges não assumem a sua responsabilidade, também o seu amor pode ser fogo-fátuo.

Apesar de moderar o seu discurso, Peterson é enérgico na sua convincente defesa da maternidade. Segundo a sua experiência, quando uma mulher exclui ter filhos, costuma surgir, cedo ou tarde, o arrependimento.

O psicólogo canadiano oferece-nos, em apenas dez páginas, um autêntico manual da vida familiar, com recomendações e orientações simples que, de acordo com o que lhe ensinou o exercício da prática clínica, podem marcar a diferença. Entre outras coisas, sugere que sejam dedicados noventa minutos semanais a conversar sobre como corre a relação.

Pelo seu estilo direto, franco e decidido, este livro pode ajudar muitas pessoas a amadurecer. É um ensaio indicado inegavelmente para uma sociedade que tende para a birra e que não parece contar com muitos meios para superar o endémico síndrome de Peter Pan de que sofre. Sem ser profundo – gostaria de pensar que não o pretende –, é louvável o interesse de Peterson em abrir os olhos aos que se empenham em ver passar a vida a partir da beira da estrada.

J. C.

“El liberalismo herido”

Autor: José María Lassalle
Arpa. Barcelona (2021)
208 págs.

Tal como nos seus dois livros anteriores, “Contra el populismo” e “[Ciberleviatán](#)” (“Aceprensa”, 18.9.2019), José María Lassalle continua neste ensaio a sua reflexão sobre o populismo atual, analisando em código liberal a evolução da democracia ocidental. Não abandona tão-pouco o tom pessimista e de denúncia e opta, desta vez, por partir do [assalto ao Capitólio](#) depois da vitória de Joe Biden nas últimas eleições norte-americanas.

Lassalle explica a crise política mundial e como esta levou a um cenário incerto e inseguro em que se questiona a democracia representativa. Na sua opinião, a liberdade individual encontra-se cada vez mais ameaçada, pelo que a sensação de insegurança propiciou o surgimento do populismo e o confronto, reconfigurando, em última análise, o sujeito político. Tudo isso terminou inclinando a vida civil para o sentimentalismo e colocando os cidadãos debaixo das ordens do poder político. A tecnologia é um instrumento cúmplice neste processo, onde se molda aquilo a que o autor chama *democradura*.

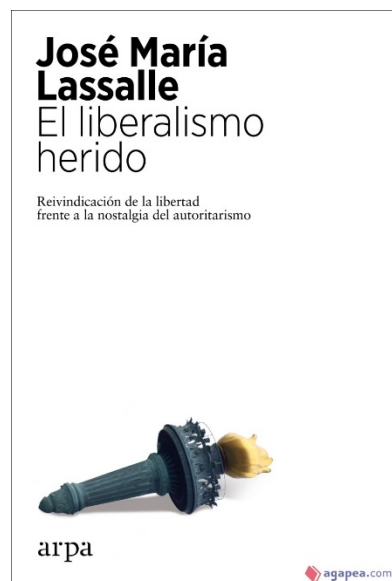
O neoliberalismo é a ideologia que acompanha esta evolução política e constitui uma rutura com o liberalismo original. Na opinião de Lassalle, tudo começou com as vitórias de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, quando se aplicaram políticas governamentais seguindo os postulados da Escola Austríaca e da de Chicago, sob a influência de Friedrich Hayek e de Milton Friedman. Desde então, a ideologia liberal centra-se no desenvolvimento capitalista, mas perde o seu caráter social. Pouco a pouco impõe-se uma atomização individualista, o que acaba por desembocar em formas de vida decadentes e turvas, centradas no lucro e na utilidade.

Contra esta conceção, que trai o ideal liberal, Lassalle aposta em retornar à fonte autêntica do liberalismo, convencido da superioridade intelectual e moral da versão moderna. Aposta em reconstruir uma forma de compreensão da política que caracteriza como humanitária, tecnológica e colaborativa, e que pode ser uma alternativa ao populismo dos tempos contemporâneos. Lassalle considera, neste sentido, que se deve reduzir o poder do Estado, certamente, mas reclama dar maior protagonismo às instituições públicas para reduzir o peso que têm as tecnológicas.

Na sua obra, no entanto, falta uma reflexão mais profunda sobre outras formas de comunidade, como a familiar, da qual depende em última análise a ordem social. A leitura que Lassalle faz é interessante, mas, por vezes, afigura-se parcial. Assim, não diferencia outro tipo de liberalismo, como o verdadeiramente clássico, de enraizamento judaico-cristão, dife-

rente, e mesmo antagónico, do qual ele próprio se reivindica. Sem retirar importância à alternativa que propõe, pois deve ser tida em conta a sua análise, não há dúvida de que o liberalismo de Lassalle tem a ver com o Iluminismo e a história demonstra que este pode conduzir a um intervencionismo pouco de acordo com a liberdade pessoal.

J. V.



“Tower”

“Tower”

Realizador: Keith Maitland
Atores: Monty Muir; Violet Beane
Duração: 86 min.
Ano: 2016

Num dia quente de agosto de 1966, um jovem de 25 anos vai até ao topo de uma torre da Universidade do Texas e começa a disparar sobre estudantes, professores e transeuntes que passam nessa zona. No total, vai atingir cerca de 50 pessoas, das quais morrem 16. Este filme narra esses momentos trágicos, de forma invulgar: através de imagens em animação e de imagens da época, mas revelando também “ao vivo” algumas das pessoas envolvidas. Não é apenas uma reconstituição histórica, mas uma abordagem a diversos aspetos da natureza humana: a coragem de um homem comum que decide ir ajudar uma polícia a deter o assassino; uma rapariga que se junta a

uma das vítimas para que não fique abandonada ao calor; dois rapazes que se lançam a tentar salvar os feridos, e outros casos semelhantes...

No final revela-se o “impacto” do próprio filme, realizado 50 anos depois dos factos. E surge então a surpresa: os seus intervenientes reais agradecem ter tido a ocasião de poder falar sobre a situação; de esclarecerem dúvidas; de terem reencontrado colegas passado tanto tempo; de refletirem sobre as suas vidas e sobre o significado do perdão, da importância de conhecer a verdade, do valor da coragem e espírito de equipa... no fundo, um hino ao que de melhor é capaz o ser humano.

Tópicos de análise:

1. A pessoa realiza-se quando faz o que está ao seu alcance.
2. Trabalhar em equipa potencia a eficácia de um projeto.
3. Falar dos problemas é essencial para chegar à solução.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

